

*A Aliança da Graça**

William Hendriksen

Prefácio

Meu objetivo é alcançar especialmente três categorias de pessoas.

Primeiro, aqueles muitos leitores individuais que têm sido abençoados com um interesse pela doutrina.

Segundo, os grupos de estudantes da Bíblia reunidos em classes e sociedades. Como uma ajuda para suas discussões; razão por que se inclui uma série de perguntas ao final de cada um dos oito breves capítulos.

Em terceiro lugar, de forma mais específica, aqueles que estão pensando em fazer pública profissão de sua fé. Geralmente, em nossos círculos, por essa ocasião, o pastor, em nome do conselho da igreja e de toda a congregação, entrega àqueles que têm dado este passo um livro ou folheto com o qual se aconselha a respeito do tipo de vida que se lhes espera a partir disso, das dificuldades que se podem esperar, etc. O autor tem examinado com prazer vários destes livros e os tem considerado excelentes. Não é o propósito competir com eles. Mas, a sua esperança é que este livreto possa ser considerado como um possível guia para preparar aqueles que estão pensando em dar este importante passo. Quem sabe, a concentração sobre o tema único da Aliança da Graça possa ser de algum benefício.

A esperança do escritor é que esta revisão e ampliação possa encontrar a mesma calorosa recepção que encontrou este livro em sua primeira edição. Que nosso Deus Trino da aliança receba toda a glória e a honra.

* Este livro é uma revisão de um publicado anteriormente com este mesmo título pela editora Wm. B. Eerdmans em 1932.

Capítulo 1

A importância deste tema

Recentemente vem aumentando o interesse sobre a doutrina da Aliança da Graça. Se não fosse assim a editora não me teria solicitado que preparasse uma edição revisada e ampliada de meu livro sobre esse tema, publicado há quase meio século.

Durante estes anos tenho recebido mais e mais pedidos da obra anterior e sugestões para que fosse reeditada. Não faz muito tempo, um pastor jubilado, ao descrever o estado existente entre muitos jovens da sua denominação, e de outras, observou: "O que necessita é um despertar do interesse sobre a Doutrina da Aliança de Graça. Nossa preciosa juventude deve estar consciente do que significa ser 'filhos a aliança'!"

Outra razão pela qual necessita redirecionar a atenção a este tema é o fato de que estamos rodeados por todos os lados pelo individualismo, o subjetivismo e o sensacionalismo religiosos e unilaterais. Ora, é certo que muitos dos que são verdadeiramente salvos consistem de um número de indivíduos separados que foram repentinamente convertidos, geralmente, como fruto de uma ou de outra grande reunião evangelística ou mediante um apelo para "se por de pé, levantar a mão ou dar um passo adiante" em uma reunião de uma igreja ou "tabernáculo" local. Pois bem, não é minha intenção minimizar as bênçãos resultantes de tais reuniões. Apesar de podermos dizer que, sem dúvida, nem todos os que "tem aceito a Cristo como seu Salvador pessoal e Senhor" seguem fiéis seis meses mais tarde, é verdade, sem dúvida também, que tem ocorrido conversões genuínas.

No entanto, o que é lamentável é que alguns vêem o tipo dramático de conversão como a única verdadeira conversão. Não há lugar em sua teologia para uma conversão dentro da aliança. Para defender seus pontos de vista, os oponentes, que aderem à teologia anti-aliança, tentam, às vezes, confundir ao incauto citando várias referências bíblicas, todavia, fora de contexto. Todas as passagens citadas, num sentido ou outro, enfatizam o fato de que "não há distinção" (Rom. 3:22, 23, 29; 10:12; Gál. 3:28; Col. 3:11; etc.).

Em contrapartida, quem quer que esteja disposto a interpretar estas passagens segundo os seus contextos descobrirá que o que Paulo está dizendo é que tanto o judeu como o gentio (escravo e livre, etc.) são salvos mediante a fé no Senhor Jesus Cristo. Nesse sentido não há distinção. Mas alguns pregadores anti-aliança procuram convencer a seu auditório de que o apóstolo dissera que "não há distinção entre a forma de conversão experimentada por (a) um pagão, e (b) um filho da aliança. Em quaisquer dos casos deve haver uma conversão repentina, dramática, sensacional". Há casos em que um ministro ameaçou com o fogo do inferno a uns jovens que se negavam a responder o seu apelo para se colocarem

de pé ou dar um passo adiante da congregação... apesar destes mesmos indivíduos, em outra igreja, a qual pertenciam, houvessem feito previamente uma confissão pública de sua fé no Deus Trino como Ele se revela na Escritura. Eram filhos de pais crentes e numa idade muito tenra renderam suas vidas ao Senhor pela soberana graça de Deus.

Querendo ou não admiti-lo, é um fato que cada menino ou menina, rapaz ou moça ou, inclusive, pessoa de maior idade não tem exatamente a mesma experiência de conversão. Houve por certo uma diferença, ou diria, uma diferença bem marcante entre, por uma parte, a conversão do carcereiro de Filipos (Atos 16:27-34) e, por outra, a conversão de Samuel, ou Daniel, ou Timóteo. A primeira foi súbita e dramática, a segunda, gradual e muito menos dramática ainda que tão real como a outra. Com toda certeza, a falta de estudo e apreço devidos à doutrina bíblica da Aliança da Graça é a responsável pelo erro que se tem cometido às vezes ao dirigir-se à gente jovem.

Como esperamos demonstrar nos próximos capítulos, a doutrina da Aliança da Graça é da maior importância para se viver um cristianismo prático. No entanto, isto nem sempre é entendido dessa maneira, como o indica a história verdadeira que se segue. O pai de uma criança de algumas semanas foi ter com o seu pastor em um sábado à tarde, já que desejava apresentar seu filho para o batismo. "Agrada-me muito notar que você não pertence à classe de gente que espera que seu filho complete quatro meses ou mais, para trazê-lo para ser batizado. Parece-me que você compreende a grande importância da Aliança da Graça selada pelo batismo", disse-lhe o pastor. A resposta foi, "Bom, realmente não pensamos nisso, mas disse à minha esposa, "bem, poderíamos batizar o bebê amanhã para depois não nos esquecermos o assunto".

Não é de se deplorar que exista tanta indiferença e ignorância com respeito a uma doutrina tão significativa como é a da Aliança da Graça?

Deduzimos o significado central do ensinamento de Deus a respeito da aliança a partir das numerosas referências que se fazem desta, tanto no Antigo como no Novo Testamento. Algumas vezes esse pacto ou essa relação segundo a aliança é indicada por meio de um sinônimo ou uma expressão sinônima. Outras vezes, usa-se mesmo expressão "aliança". Vejam-se os seguintes: Gen. 15:18; 17:2-21 (especialmente o v. 7); 26:23-25; 28:13-15; Exo. 6:2-8; 19:1-6; 24:7, 8; Lev. 26:14s, 23, 40-45; Deut. 4:23-31; Jos. 23:16; Juí. 2:20-22; 2Sam. 23:5; 1Reis 8:23; 19:10; 2Reis 13:23; 17:15-18, 34-41; 23:3; 1Cron. 16:1 sgts; 2Cron. 5:10; 21:7; Sal. 25:14; 74:20; 89:28; 103:17, 18; 105:8-10; 111:5; 132:12; Jer. 31:31-34; Dan. 9:4 sgts.; Luc. 1:54, 55, 72, 73; 22:20; Atos 2:38, 39; Rom. 11:27; Gál. 3:9, 17, 29; Heb. 8:6 sgts.; 10:16, 29; 12:24; 13:20.

Como se pode perceber, a doutrina da Aliança da Graça está firmemente embasada na Escritura. Foi levada ao primeiro plano por, dentre outros, os grandes líderes da Reforma protestante. Foi muito preciosa para Calvino,

Zwinglio, Oleviano, Ursino, etc. A primeira pergunta do Catecismo Maior de Ursino, por exemplo, é esta: “Qual é o teu consolo na vida e na morte?” Resposta: “Que em seu infinito amor e imutável bondade, Deus tem me recebido em sua Aliança da Graça”. Queira Deus que esta preciosa verdade comece a vicejar novamente nas mentes, corações e vidas dos filhos da Reforma!

Perguntas baseadas no conteúdo deste capítulo:

1. O estudo deste tema é importante, e se for, por quê?
2. O que Paulo quer dar a entender quando escreve, “não há diferença”? Que interpretação errônea destas palavras por vezes encontramos?
3. Em que difere a conversão do carcereiro (Atos 16:27-34) da de Samuel, Daniel e Timóteo?
4. De que maneira mostra Ursino seu alto apreço pela Aliança da Graça?

Temas de discussão:

1. Por que é uma indicação promissora o interesse renovado pela doutrina da aliança?
2. Por que é um grande erro citar um texto fora de contexto? Ofereça um exemplo.
3. Qual seria uma boa maneira de estimular o interesse por esta doutrina inclusive entre crianças de 7 a 14 anos?
4. Com que idade deveriam nossos filhos começar a aprender acerca de sua pertinência à aliança de graça?

Capítulo 2

O significado da aliança

Não há realmente nada de inusitado na idéia de uma aliança. Muitas das mais elevadas manifestações da vida entre as criaturas racionais e morais se revestem da forma de um pacto. Pensemos no pacto de amizade entre Davi e Jônatas, no vínculo do matrimônio, na liga ou na aliança entre as nações, na federação de sociedades de homens ou mulheres, nas associações de comerciantes, nos sindicatos de trabalhadores, nas fraternidades ou irmandades de estudantes, etc. O homem é um ser de alianças. O coração dele anela por companheirismo e comunhão. Até os religiosos se reúnem em suas respectivas ordens e ermitãos deixam sua reclusão para morar juntos em conventos e mosteiros.

Então, se até o homem moderno anela por comunhão, apesar de estar vivendo em um ambiente social altamente organizado e em uma situação em que goza de plena proteção por parte de um governo estável, podemos estar certos que essa necessidade era sentida com muita mais intensidade naqueles dias do Antigo Testamento quando “não havia rei em Israel: e cada um fazia o que achava mais reto”. Sem governos responsáveis para proteger seus direitos, as tribos nômades se viram obrigadas a escolher entre o risco de serem atacadas por bandidos ou entrar em uma relação de aliança com outras tribos.

Abraão deve ter sentido a necessidade de aliados quando estava vivendo como estrangeiro e peregrino na terra de Canaã. Que grande gozo não deve ter experimentado em seu coração quando Jeová mesmo lhe disse: “Estabelecerei a minha aliança entre mim e ti e a tua descendência no decurso de suas gerações, aliança perpétua, para ser o teu Deus, e da tua descendência!” (Gen. 17:7; cf. Gen. 15:18).

Mas, e por que motivo Deus não estabeleceu esta aliança antes do tempo de Abraão? A resposta pode ser dupla: em primeiro lugar, Deus protelou em instituir formalmente esta aliança a fim de que os homens pudessem ter uma oportunidade de certificarem-se da necessidade e do valor das alianças no âmbito natural. Este reconhecimento, por sua vez, lhes ajudaria a discernir o significado do caráter único da Aliança da Graça. Inclusive, a aliança de Deus com “Noé e com seus descendentes e com todo o ser vivente” pode ser considerada preparatória em seu caráter.

Segundo, em essência já encontramos a Aliança da Graça no proto-evangelho ou promessa-mãe de Gênesis 3:15. Veja o seu conteúdo: “Porei inimizade entre ti e a mulher, e entre a tua descendência e o seu descendente. Este te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar”. Aqui claramente Deus se alia com o homem na batalha deste contra Satanás. Resultado: ainda que falando figuradamente o

calcanhar do Messias prometido seria ferido (especialmente no Calvário), e a própria cabeça de Satanás seria esmagada ou amassada, ou seja, seria o inimigo definitivamente vencido. Num certo sentido, devemos remontar bem mais atrás para encontrar a origem da Aliança da Graça. Ela está arraigada no próprio Deus! Deus é o Deus da aliança; e isto não somente porque estabeleceu uma aliança com o homem, mas porque também, e especialmente, desde toda a eternidade, existe entre as pessoas da Santíssima Trindade uma relação assumida voluntariamente de amor e amizade, cada uma trabalhando pela glória e a honra da outra. Conforme João 14:13; 16:14; 17:4, 5. Esta relação de aliança que existe entre as pessoas da Trindade é o fundamento da Aliança da Graça. Como é verdade que cada uma das pessoas divinas ama as outras duas, assim, também é um fato que o Deus Trino ama ao homem criado à sua imagem; sim, ainda que o homem esteja caído, porque a aliança de que estamos falando é uma aliança de graça.

A essência desta aliança é, portanto, que Deus escolhe ser Amigo do homem. Isto significa salvação, completa e livre, não merecida pelo homem e, portanto, produto da graça divina.

Todas as veredas do Senhor
são misericórdia e verdade.
para os que guardam a sua aliança
e os seus testemunhos!

Salmo 25: 10

Quanto, também, à idéia de amor, misericórdia, amizade entre Deus e o homem, veja-se de igual forma o texto de Salmos 89:28. Esta amizade é perdoadora em seu caráter (Jer. 31:31-34; Rom. 11 :27). Em conexão com estes leia-se especialmente a passagem muito preciosa de Daniel 9:18, 19 e note-se a estreita conexão entre "aliança" e "misericórdia" (ou "amor constante") em passagens tais como Deuteronômio 7: 9; 2º Crônicas 6:14; Daniel 9:4.

Em face de todas estas considerações é fácil responder à pergunta, "Esta aliança é unilateral ou bilateral?" Em um sentido é bilateral, porque está estabelecida entre duas partes: Deus e o homem. De um lado está Jeová, o Deus da aliança; de outra, os crentes e sua descendência (Gen. 17:7). Deus faz promessas. O homem tem obrigações e responsabilidades decorrentes da aliança. Contudo, em outro sentido, devido à infinita diferença qualitativa entre Deus e o homem, a aliança pode ser chamada verdadeiramente de unilateral. A aliança não surge como resultado de um contrato feito por duas partes iguais depois de longas reuniões e discussões. É Deus, somente Ele, quem por pura graça estabelece sua aliança com o homem!

Mas, como é possível que um Deus santo entre em uma relação amigável com o homem pecador? A resposta é: isto foi possível pela obra de Jesus Cristo, o qual

morreu em lugar de todos aqueles que pela graça soberana põem sua confiança nele (Isa. 53:5, 6; Jo. 3:16; 2 Cor. 5:18-21).

Agora estamos preparados para uma definição da Aliança da Graça. É aquele pacto entre o Deus Trino e seu povo pelo qual Deus promete sua amizade e portanto salvação completa e livre a seu povo sobre a base da expiação vicária de Cristo o Mediador da aliança e eles em gratidão prometem viver para ele.

É necessário, entretanto, fazer uma pequena distinção neste ponto. A ênfase não deveria tanto recair na amizade e salvação completa como uma realidade já presente, mas, muito mais à ordenança divina que tem como propósito o estabelecimento desta bendita condição.

Perguntas baseadas no conteúdo de este capítulo:

1. Prove o fato de que o homem é um ser de alianças.
2. Mostre que foi muito misericordioso da parte de Deus estabelecer sua aliança com Abraão.
3. Porque é chamada esta aliança de uma Aliança da Graça?
4. Esta aliança é unilateral ou bilateral?

Temas de discussão:

1. É correto o seguinte: "Quando se faz a pergunta, 'o que devo fazer para ser salvo?' a resposta deveria ser, 'Nada. Deus fez absolutamente tudo' "?
2. Porque é tão importante a pregação sadia e a cuidadosa instrução doutrinal?
3. Quando foi a última vez que você escutou um sermão sobre a Aliança da Graça? O que você se lembra daquele sermão?
4. "Nós amamos porque ele nos amou primeiro" (1Jo. 4:19). Assinale a conexão desta passagem com a doutrina da Aliança da Graça.

Capítulo 3

A unidade da aliança

Uma das razões pela qual muita gente hoje não quer saber nada do que eles ironicamente chamam “teologia do pacto” é o muro intransponível que se tem construído entre o Antigo e o Novo Testamento, entre Israel e a igreja. Algumas pessoas ressaltam o fato de que quando Deus estabeleceu sua aliança com Abraão, anexou esta promessa: “Dar-te-ei, e à tua descendência, a terra das tuas peregrinações, toda a terra de Canaã, em posse perpétua”. Eles exclamam: “a igreja nunca reclamou para si a terra de Canaã, portanto, a aliança com Abraão não tem nada a ver com a igreja”.

Deve-se admitir que existe sim uma diferença entre a antiga e a nova dispensação. Por exemplo, o código de leis cerimoniais e similares, estabelecido durante a antiga dispensação, foi abolido na nova (Mar. 7:19; Col. 2:14).

Inclusive, a lei moral já não está escrita em tábuas de pedra mas no coração.

Os sacramentos sangrentos foram substituídos pelos sem derramamento de sangue. E a aliança de Deus já não diz respeito exclusivamente a Israel mas aos “crentes e a sua descendência” sem levar em conta as origens étnicas deles. Estas mudanças foram tão grandes que às vezes a Escritura fala de “uma nova aliança” (Luc. 22:20; Heb. 8:8-13).

Deve-se ter dois fatos em mente, no entanto:

a) estas mudanças haviam sido previstas e preditas (Gen. 17:5; 22:18; Sal. 72:8; 87; Isa. 9:2; 60:1-3; 61:1 sgts; Jer. 3:16 (que não haverá mais arca); 31:31-34; Ose. 1:10); e

(b) não afetam a essência invariável da aliança, a saber, que Deus promete ser o Deus de todos os crentes e de sua descendência, e que é pela fé que Deus lhes tem dado que aceitem e se esforcem por viver uma vida em conformidade com este pacto.

Afirmar que a aliança de Deus com Abraão não continua na era do Novo Testamento porque nem todos os seus elementos são válidos para hoje é tão absurdo quanto dizer que os Dez Mandamentos perderam a sua aplicabilidade já que para a maioria dos crentes de hoje não tem nenhum sentido a proibição de cobiçar o jumento ou o boi do próximo.

O fato de que a aliança com Abraão concerne tanto à nova como à antiga dispensação foi aclarado por Pedro quando, no primeiro Pentecostes depois da ressurreição de Cristo, dirigindo-se aos judeus e aos prosélitos, declarou: “Pois

para vós outros é a promessa, para vossos filhos...” Paulo assinalou que a parede entre judeus e gentios havia sido derrubada, e que, como resultado, “temos acesso ao Pai em um Espírito” (Efê. 2:14, 18). Ele afirmou: “De modo que os da fé são abençoados com o crente Abraão” (Gál. 3:9). A passagem, que pode ser considerada a mais clara para mostrar que a aliança com Abraão se aplica a todos os crentes de hoje em dia, sem distinção de nacionalidade, é aquela em que Paulo afirma, expressamente, que em Cristo simplesmente já não existe mais judeus ou gregos (gentios). Já não há mais lugar para essa antiga distinção: todos são um agora. Tudo o que conta é se alguém pertence a Cristo: “E se sois de Cristo, também sois descendentes de Abraão, e herdeiros segundo a promessa” (Gál. 3:28, 29). Uma linguagem mais clara que isso é impossível.

A tremenda promessa “serei o teu Deus”, repetida várias vezes no Antigo Testamento, continua sendo ecoada no Novo. As duas “dispensações”, a antiga e a nova, estão tão intimamente relacionadas que às vezes até a linguagem do Antigo Testamento é repetida no Novo. Veja-se a passagem de Êxodo 29:45, 46 (e Lev. 26:12) e compare-as com 2 Coríntios 6:16-18. A promessa da aliança, serei o teu Deus, vale para todos os crentes.

Assim também Pedro, dirigindo-se principalmente aos crentes gentios, lhes dissera: “Vós sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa”, etc. Ele usa uma fraseologia que no Antigo Testamento se aplica aos judeus (Exo. 19:6; Deut. 7:6; Isa. 61:6).

Tudo isto prova o quanto é absurdo dizer que com respeito à sua essência a Aliança da Graça estabelecida com Abraão não continua na era do Novo Testamento. A aliança foi estabelecida com Abraão, considerado em seu caráter pessoal como o “pai de todos os crentes” (Rom. 4:11), tanto de judeus como de gentios, circuncidados ou incircuncisos. Portanto, é verdade que esta única Aliança da Graça, idêntica nas duas dispensações, foi revelada de uma maneira gradativa no decurso do tempo. Com base nisto, podemos falar acerca:

- a) do período de Adão a Abraão, quando a aliança ainda não havia sido estabelecida formalmente e não havia sido instituído um sacramento para selá-la;
- b) do período de Abraão a Moisés, durante o qual se estabeleceu a aliança formalmente e agregou-se-lhe o sacramento da circuncisão como seu símbolo e selo;
- c) do período de Moisés a Cristo, durante o qual se agregou outro sacramento, a saber, a Páscoa, entregou-se a Lei, sendo que a aliança praticamente circunscrevera-se aos judeus.
- d) da era presente, isto é, o período entre a primeira e a segunda vinda de Cristo, um espaço de tempo durante o qual as bênçãos da aliança não estão

confinadas a nenhuma nação em particular, as sombras do Antigo Testamento estão se cumprindo e os sacramentos sangrentos tem sido substituídos pelos sem sangue.

e) da vida eterna, durante a qual gozaremos das bênçãos da Aliança da Graça em seu mais alto grau. Mas, ainda que existam todas estas etapas, tanto o Antigo como o Novo Testamento nos revelam uma e a mesma Aliança da Graça, o mesmo evangelho da aliança, o mesmo Mediador da aliança, a mesma promessa básica da aliança e as mesmas obrigações da aliança para os membros da aliança.

Perguntas baseadas no conteúdo deste capítulo:

1. Prove, a partir da Escritura, que os crentes da presente ou nova dispensação são membros da Aliança da Graça. Em outras palavras, mostre que a aliança de Deus com Abraão realmente “continua” na era presente.
2. Mencione as várias etapas na história da aliança de graça. Isto significa que existem várias alianças?
3. Prove a partir da Escritura que aos olhos de Deus já não há distinção alguma entre judeu e gentio.
4. Qual é o significado do sermão de Pedro em Pentecostes para um entendimento apropriado da Aliança da Graça?

Temas de discussão:

1. Discuta-se: “Como objeto de seu favor especial, Deus reconhece dois grupos: os judeus e a igreja”. Verdadeiro ou Falso? Dê razões para sua resposta.
2. Qual é o significado de Jeremias 18:9, 10, na explicação de Jeremias 31:35-37?
3. “Deus tem acabado com os judeus”. Verdadeiro ou Falso? Respalde sua resposta.
4. “Israel e a igreja não devem ser identificados. O que é verdade a respeito do primeiro não é necessariamente válido para o segundo”. Verdadeiro ou Falso? Explique.

Capítulo 4

Os sacramentos da aliança

Na biblioteca de um determinado seminário encontrei um livro que não apóia a doutrina reformada - e, segundo creio, bíblica - da Aliança da Graça. A posição esposada pelo escritor daquele livro pode ser assim sintetizada: os filhos dos crentes que na puberdade ainda não renderam as suas vidas a Deus são iguais aos pagãos. Se tiver de ocorrer alguma mudança, para melhor, essa mudança deve ser iniciada por eles. Deus está esperando para ver o que eles vão fazer.

Aqueles que aceitam a doutrina da aliança de graça adotam uma posição distinta. De fato, eles crêem que cada pessoa responsável, se é filho de pais crentes, ou não, deve crer no Senhor Jesus Cristo para ser salvo e viver uma vida que glorifique a Deus. Conforme João 3:16. Eles não negam a responsabilidade humana ou a necessidade da ação humana. Mas não equiparam uma pessoa que nunca ouviu o evangelho com um filho da aliança. Sua maneira de tratar o filho da aliança é diferente. Os crentes se dirigem a seus descendentes em termos como os seguintes: "Meu filho, você nasceu na aliança. Isto significa que muito pouco depois que você nasceu os teus pais te levaram à igreja. Você foi batizado em nome do único Deus verdadeiro: Pai, Filho e Espírito Santo. Por meio deste batismo, Deus estava te dizendo, 'meu (minha) filho(a), dá-me o teu coração'. Deus, o Pai, te disse: 'Eu quero te adotar como meu (minha) filho (filha) e herdeiro(a)'. Deus, o Filho, acrescentou, 'Eu desejo te lavar no meu sangue de todos os teus pecados'. O Espírito Santo concluiu: 'Eu quero renová-lo(a) dia a dia, até que ao final Eu te leve puro(a) e santo(a) para a assembléia dos redimidos no céu'. Pense nisso, meu(minha) querido(a) filho(a)! Reflita no fato de que o amor de Deus tem precedido qualquer esforço que você possa fazer para mudar. E assim, diante disso, qual será a tua resposta? Ore para que o Senhor possa levá-lo a dizer, não somente com os teus lábios, mas com o teu coração e a tua vida:

Fazes o que queres de mim, Senhor!
Do seu Espírito, dá-me a unção -
Seja do meu ser o dono absoluto.
Que o mundo possa ver em mim a Cristo, o Redentor".

(estrofe de "Faz o que queres" de Adelaide Pollard)

Que consolo é quando se aplica e interpreta assim o batismo cristão! O batismo que claramente substituiu a circuncisão (Col. 2:11) é o símbolo e selo da entrada na Aliança da Graça.

Veja bem, a despeito desse fato, Deus não prometeu que todo o filho de pais crentes deveria ser salvo, mas, o que ele tem prometido é definitivamente

perpetuar sua obra da graça na linhagem dos filhos dos crentes considerados como um grupo. Isto é muito evidente das seguintes passagens: “Estabelecerei a minha aliança entre mim e ti e a tua descendência no decurso das suas gerações, aliança perpétua, para ser o teu Deus, e da tua descendência” (Gen. 17:7). “Mas a misericórdia do Senhor é de eternidade a eternidade, sobre os que o temem, e a sua justiça sobre os filhos dos filhos; para com os que guardam sua aliança, e para com os que se lembram dos seus preceitos e os cumprem” (Sal. 103:17, 18). Compare com Salmo 105:6-11. “Quanto a mim, esta é a minha aliança com eles, diz o Senhor: o meu Espírito está sobre ti, e as minhas palavras que pus em na tua boca, não apartarão dela, nem da de teus filhos, nem da dos filhos dos teus filhos, não se apartarão desde agora e para todo o sempre, diz o Senhor “ (Isa. 59:21). “Pois para vós outros é a promessa, para vossos filhos e para todos os que ainda estão longe; isto é, para quantos o Senhor nosso Deus chamar” (Atos 2:39).

Que esta promessa da Aliança da Graça é na realidade o fundamento do batismo, a base sobre a qual este descansa, se deduz de Atos 2:38, 39: “Arrependei-vos e cada um de vós seja batizado... pois para vós outros é a promessa, para vossos filhos”.

Em conseqüência, Deus, em sua sabedoria, resolveu instituir o sacramento do batismo como um símbolo de entrada na Aliança da Graça. Como tal, ele ilustra a limpeza da culpa do pecado, por meio da expiação de Cristo, e da contaminação do pecado, por meio da operação do Espírito Santo. De forma similar ao batismo, no Antigo Testamento, a circuncisão é o selo da nossa entrada na aliança. Compare-se ao uso dos selos hoje dia para indicar a validade de um documento importante. Como valorizamos esses selos! Como tal, o batismo é o penhor exterior, visível, da fidelidade de Deus à promessa de sua aliança. Sela-nos, a nós e aos nossos descendentes, a amizade de Deus, portanto, a salvação completa e gratuita: remissão dos pecados (Mar. 1:4; Atos 2: 38; 22:16; Heb. 10:22), regeneração, conversão, santificação (Rom. 6:2-10; 1Co. 6:11; Ef. 5:26; Col. 2:12) e comunhão com Cristo e com o corpo de Cristo; daí, também, a separação do mundo (Mat. 28:19; Atos 2:40, 41; 1Cor. 12:13). Que o batismo é verdadeiramente um símbolo e sinal da Aliança da Graça é demonstrando de forma evidente quando consideramos que, como já o fora mencionado, de acordo a Escritura (Col. 2:11, 12), o batismo tomou o lugar da circuncisão. E a circuncisão é chamada “sinal ... selo da justiça da fé que teve (Abraão) quando ainda era incircunciso” (Rom. 4:11).

O batismo é um sinal e um selo da entrada na Aliança da Graça também para os filhos dos crentes, como aprendemos de Atos 2:38, 39; os apóstolos que batizavam famílias inteiras, assim o criam (Atos 16:15, 33; 1 Co. 1:16); e depende-se do fato de que estes filhos, assim como seus pais estão incluídos na aliança (Gen. 17:7; Sal. 103:17; Isa. 59: 21; Mar. 10:13, 14; Atos 2:38, 39).

Enquanto que o batismo é sinal e selo da entrada na Aliança da Graça, a Ceia do Senhor, chamada também Santa Ceia ou Eucaristia (que significa Ação de

Graças), é o sinal e selo da permanência nessa aliança. A Ceia do Senhor substituiu a Páscoa e foi descrita por Jesus como “a nova aliança no meu sangue” (Luc. 22:20). A razão para o adjetivo “novo” foi dada na Capítulo 3. Quanto a expressão “em meu sangue”, é significativo que, em cada um dos quatro relatos da comunhão (a saber, Mat. 26; Mar. 14; Luc. 22 e 1 Co. 11), estabelece-se uma relação entre o sangue de Cristo e a aliança. Segundo o registram Mateus e Marcos, Jesus disse: “meu sangue da nova aliança”. Em Lucas com pouca ou nenhuma diferença de significado, o Senhor disse “A nova aliança em meu sangue”.

A expressão remonta-se a Êxodo 24:8. Veja-se também a passagem muito significativa de Levítico 17:11. E, note-se: “e sem derramamento de sangue não há remissão” (Heb. 9:22, cf. Efé. 1:7). E tampouco pode haver uma relação especial de amizade entre Deus e seu povo. A reconciliação com Deus sempre requer sangue, um sacrifício expiatório. E posto que o homem mesmo é incapaz de render tal sacrifício, requer-se-ia que uma oferenda substitutiva fosse aceita pela fé (Isa. 53:6, 8, 10, 12; Mat. 20:28; Mar. 10:45; Jer. 6:51; Rom. 5:19; 8:32; 2 Co. 5: 10, 21; Gál 2:20; 3:13; 1Ped. 2:24; 1º Jo.1:7).

Segundo informa Lucas, Jesus disse: “meu sangue derramado em favor de vós”. Tanto Mateus (26:28) como Marcos (14:25) põem “derramado em favor de muitos” (cf. Isa. 53: 11,12). Não existe conflito. Os discípulos verdadeiros de Cristo, os onze e os outros estavam incluídos nos “muitos”.

A Ceia do Senhor tem sido chamada também de a Refeição da Aliança. Em conexão com isto, não devemos nos esquecer que as aliança nas terras bíblicas sempre eram ratificadas por meio de uma refeição, banquete ou festa, em que participavam os integrantes da aliança. Ademais, posto que o sal era tido como um ingrediente necessário à comida diária, havia uma estreita relação entre o sal e o estabelecimento das alianças; daí a expressão “a aliança perpétua de sal” (Num. 18:19).

Com isto em mente, podemos entender cabalmente que quando os discípulos se reuniram ao redor da mesa com o Senhor e instituiu-se a Ceia do Senhor, eles viram esta comida como um sinal e um selo da Aliança da Graça, uma promessa mútua de amizade e lealdade perseverantes. Com que ansiedade a criança, que tenha sido batizada e ensinada corretamente, espera o tempo quando também ela, depois de professar publicamente sua fé, terá o privilégio de participar da Festa da Aliança!

Perguntas baseadas no conteúdo de este capítulo:

1. Como deveriam os pais cristãos explicar aos seus filhos o significado de seu batismo?

2. Qual é o significado do batismo para a Aliança da Graça? Da Ceia do Senhor?
3. Deus tem prometido que cada filho nascido de pais crentes será salvo? O que exatamente ele tem prometido?
4. Que se quer dizer quando o batismo e a Ceia do Senhor são chamados “sinais [ou símbolos] e selos”?

Temas de discussão:

1. Por que a circuncisão foi substituída pelo batismo, e a Páscoa pela Ceia do Senhor?
2. O que significa a administração do batismo a uma criança que se incorpora à aliança?
3. Alguns falam com desprezo do “batismo em água”. O batismo “no Espírito” torna desnecessário o batismo com água? Veja-se Atos 10:44-48.
4. Por que se chama a Ceia do Senhor, “a nova aliança em meu sangue”?

Capítulo 5

As implicações práticas da aliança

A doutrina da Aliança da Graça é de grande relevância prática. Quando a entendemos corretamente, ela passa a influenciar todos os nossos pensamentos, palavras e ações. Por isso que esta doutrina deveria entretecer cada fibra de nosso ser; estar incorporada à própria essência de todo o nosso pensamento e vida.

Portanto, seria impossível assinalar em um livro apenas - não importa o seu tamanho - a relação entre a doutrina da Aliança da Graça e todas as facetas da vida e atividades cristãs. Ainda que fosse possível, seria de todo desnecessário: o espírito da consciência da aliança deve ser antes captado, ao invés de ensinado. Essa consciência desenvolve-se gradualmente. Assimilar as glórias da Aliança da Graça requererá toda uma eternidade. Gostaríamos, no momento, de assinalar brevemente a relação entre a Aliança da Graça e as causas da filantropia cristã, da missão cristã e da educação cristã.

Primeiramente, relacionemos a doutrina da aliança com a causa da filantropia cristã. O primeiro pensamento que se ocorre à nossa mente é que nós que, se somos abençoados com todas as bênçãos da aliança, deveríamos desenvolver a obra de misericórdia cristã em gratidão pelo que recebemos como integrantes da aliança. Em outras palavras, nossos dons e nossas intercessões, nossas palavras de consolo e de estímulo nunca deveriam proceder de um motivo de mera compaixão, característica que, às vezes, é demonstrada até pelos incrédulos, mas deveria surgir de um coração cheio de agradecimento pelo maior de todos os tesouros: a amizade do SENHOR, nosso Trino Deus e da Aliança.

Sentimo-nos seguros quando temos constantemente em mente o pensamento acerca do dom de Deus para conosco, quando a cruz e todos seus frutos gloriosos estão sempre diante de nossos olhos; por causa disso não somente nos doamos, mas também nos sacrificamos e verdadeiramente levamos "as cargas uns dos outros", assim, cumprimos "a lei de Cristo" (Gál. 6:2). A idéia que aqui enfatizamos é perfeitamente bíblica. Veja-se 2Coríntios 8:7-9, "Como, porém, em tudo manifestais superabundância ... assim também abundeis nesta graça, ... pois conheceis a graça de nosso Senhor Jesus Cristo, que, sendo rico se fez pobre por amor de vós, para que pela sua pobreza tornásseis ricos".

A doutrina da Aliança da Graça não somente nos dá um motivo para mostrar misericórdia, mas, também, nos proporciona uma regra que deveria nos guiar na distribuição de nossos dons. No presente, muitos cristãos estão se fazendo a pergunta: Como devo distribuir meus dons para o alívio do sofrimento e a pobreza, etc? Pois bem, a doutrina da Aliança da Graça nos ensina que ainda que o Senhor seja "bom para todos" e ainda que "suas ternas misericórdias permeiem

todas as suas obras” (Sal. 145:9), no entanto, ele não tem estabelecido o seu pacto com todos. Pelo contrário, o tem estabelecido com os crentes e seus descendentes; e tão-somente com eles.

A Escritura nos ensina a imitar a Deus. Não sugere que “enquanto tivermos oportunidade, façamos o bem a todos, mas principalmente aos da família da fé” (Gál. 6: 10)? O que se coloca aqui seria uma dedução imperfeita? Leia Efésios 4:32-5:2.

Em segundo lugar, examinemos a doutrina da Aliança da Graça em sua relação com a causa dos esforços missionários cristãos. O mesmo motivo de gratidão pelas bênçãos da Aliança de Deus deveria também controlar nosso entusiasmo missionário. Neste sentido, a doutrina da Aliança da Graça não somente nos provê de um motivo que deveria nos dirigir, mas também de uma fonte de consolo e uma tranqüila perspectiva com respeito aos resultados que advirão de nosso trabalho. Segundo a promessa do pacto de Deus, o Senhor reunirá seu povo de toda tribo e língua, povo e nação; porque a Escritura nos diz que em Abraão, como pai daqueles que crêem, “serão benditas todas as famílias da terra” (Gen. 12:3). Que consolo para o missionário: saber que segundo a promessa da Aliança de Deus alguns serão salvos de cada “família” da terra! Se a obra das missões cristãs basear-se firmemente na promessa de Deus não será de modo algum vã!

Mas este consolo chega a ser ainda muito maior quando consideramos o fato de que o missionário pode descansar seguro de que sua obra entre os pagãos não será de pronto destruída. Como uma regra geral, não tem com que temer a respeito desse perigo pois que concomitantemente com o estabelecimento do reino da luz no coração dos pais, o reino das trevas deve ser imediatamente instalado nos corações dos filhos e dos netos. Talvez depois de algum tempo mais tarde isso possa ocorrer, mas, geralmente, isso não pode ocorrer imediatamente (Jos. 24:31; Sal. 105:9, 10; 2 Tim. 1:5). A promessa firme da aliança de Deus é: “estabelecerei minha aliança entre mim e ti e tua descendência depois de ti no decurso das suas gerações...” A história corrobora abundantemente para demonstrar o cumprimento desta promessa.

Em terceiro lugar, consideremos a doutrina da Aliança da Graça em sua relação com a causa da educação cristã.

A maneira mais simples de assinalar esta relação poderia ser a seguinte: a promessa da Aliança, “estabelecerei minha aliança entre mim e ti e tua descendência” se realizará somente quando nossos filhos andarem pelo caminho da Aliança, mas nós como pais não temos o direito de esperar que nossos filhos andem assim, a menos que lhes ensinemos o Caminho da Aliança. Daí a necessidade de uma educação cristã.

Isto equivale dizer que devemos colocar no lar o fundamento para a educação cristã dos filhos. “Porque eu o escolhi para que ordene a seus filhos e a sua casa

depois dele, a fim de que guardem o caminho do Senhor, e pratiquem a justiça e o juízo; para que o Senhor faça vir sobre Abraão o que tem falado a seu respeito" (Gen. 18:19). "Ta as inculcarás a teus filhos, e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e ao deitar-te ao levantar-te." (Deut. 6:7). "Não o encobriremos a seus filhos, contaremos à vindoura geração os louvores do Senhor..." (Sal. 78:4). "E vós, pais, não provoqueis vossos filhos à ira, mas criai-os na disciplina e na admoestação do Senhor" (Ef. 6:4).

Conseqüentemente, para que nossos filhos possam andar no Caminho da Aliança devemos orar e interceder constantemente por eles tomando por base a Promessa da Aliança (1 Sam. 1:11; Sal. 74:20).

A Confiança da Mãe

(Baseada em Êxodo 12:3, 11, 13)

Debaixo do ensangüentado umbral estamos eu e o filho que Deus me deu;
Do mal o mensageiro viaja o mundo inteiro,
Não há outro refugio que oculte a sua destruidora face;
Debaixo do ensangüentado umbral encontraremos o nosso único refugio.

De Deus o cordeiro foi imolado; nossos pecados e dores ele carregou;
Pela fé o sangue é aspergido sobre a porta da nossa morada.

O inimigo que quiser entrar fugirá atemorizado quando diante do sacro sinal;
Esta noite o ensangüentado umbral ocultará a mim e aos meus.

Meu Salvador, acolho-me à tua verdadeira promessa para os meus;
O Cordeiro é "para a família"; também para os filhos é o Salvador.
Sobre a terra também os pequeninos rebentos sentirão teu divino toque;
Debaixo do ensangüentado umbral tuas bênçãos alcançarão aos meus.

Oh, tu que prometeste guardá-los: àqueles pequenos rebeldes pés;
Das sombras que se estendem diante deles, das enfermidades da vida que lhes aguardam.
Meu amor de mãe é impotente; encomendo-os aos teus santos cuidados!
Debaixo do ensangüentado umbral, oh, guarda-me ali para sempre!

Tu não decepcionarás a fé que em ti descansa;
Unge, Senhor, meu vacilante coração com sabedoria para educá-los.
Sim, meus filhos, Pai, não posso ver tu face;
Acolho-me ao ensangüentado umbral, a tua Aliança da Graça.

Oh, maravilhoso Redentor, que por nossa causa sofreste,
Quando a tormenta do juízo recair sobre as culpáveis nações,

Com gozo daquele seguro refúgio nos reuniremos para te ver face a face,
Debaixo dos eternos portais ensangüentados, meus filhos, Senhor, e eu.

Anônimo

Ademais, deveríamos considerar a estes filhos como filhos de Deus (Eze. 16:21). Deveríamos falar-lhes constantemente acerca do Salvador e do seu amor (Mar. 10:14; 2º Tim. 3:15). Deveríamos observar cuidadosamente os seus caminhos (Efé. 6:4), procurar ganhar e manter sua confiança e ajudar-lhes desde sua idade mais tenra a lutar contra seus pecados característicos (1 Sam. 3:13). Tão logo for possível, deveríamos fazer tudo para sermos colaboradores de Deus na tarefa gloriosa de criar na alma da criança aquela estrutura de fé, esperança e amor cujas fundações foram postas na eternidade e cujos pináculos chegam ainda até os céus.

Mas, seria suficiente a educação cristã apenas no lar? Se nós real e seriamente desejamos que nossos filhos recebam todas aquelas gloriosas bênçãos da Aliança da Graça, permitiremos que uma educação “neutra” na escola destrua o que estamos tratando de construir por meio da educação cristã no lar? De modo nenhum! Portanto, muitos pais estão enviando a seus filhos às escolas cristãs.

Sobretudo, a igreja (o pastor, a congregação inteira) deveria estar ligada na infância. O pastor jamais deveria se esquecer dos cordeirinhos, principalmente em seus sermões! A classe de catecúmenos é também importante na medida que permanece fiel a seu propósito original: compartilhar a instrução na doutrina. Também, uma escola dominical com um conjunto de mestres consagrados pode ser de valor inestimável para a criança.

Há alguns, entretanto, que dizem “acima de tudo, todas as coisas dependem de Deus, isto é, da obra regeneradora do Espírito Santo. Por isso, ainda que não eduquemos a nossos filhos no caminho da aliança eles poderão ser salvos. Quando Deus quer salvar a uma pessoa, ele o faz soberanamente! Respondemos à essa objeção dizendo: “Por certo, esses filhos poderiam ser salvos - não queremos limitar as operações da graça de Deus de nenhuma maneira - mas você precisa da promessa gloriosa que Deus destinada àqueles que ensinam a seus filhos no caminho da Aliança. “Ensina a criança no caminho em que deve andar, e ainda quando for velho não se desviará dele” (Prov. 22:6).

Também, o filho da aliança tem um chamamento glorioso: ele tem sido separado do mundo para ser uma bênção para o mundo! É seu dever e privilégio desfraldar a bandeira da cruz, testificar, de maneira a levar os outros ao conhecimento da salvação e da vida para a glória de Deus. Como recompensa pode esperar o dia quando nos céus o Senhor mostrará as incomparáveis riquezas da misericórdia de Deus aos principados e potestades nos lugares celestiais. Se, inclusive, uma vocação ou profissão - como, por exemplo, médico ou advogado - requer uma preparação especial, com toda certeza este chamamento celestial, que

sobrepuja em grandeza qualquer tarefa temporal, requer a melhor preparação que seja possível obter.

Novamente, os filhos da aliança são santificados em Cristo (1Co. 7:14). Portanto, os pais devem gravar em seus filhos o pensamento de que em vista da promessa da Aliança de Deus, eles esperam que os filhos se conduzam como seguidores de Cristo; ou seja, como aqueles que por uma conversão genuína têm rendido suas vidas ao Senhor. Os filhos deverão dar uma resposta a esta pergunta: "Cumpreres realmente com aquilo que se espera de ti? Estás na verdade andando na caminho da aliança? Tens dado teu coração àquele Salvador que selou o seu amor em ti quando eras muito criancinha como para poder entender o significado deste amor?" (2 Cor. 13:5; 2 Tim. 1:5). Por causa deste método distintivo de se alcançar o coração de uma criança da aliança, justifica-se de pronto como imperativa uma educação cristã específica.

Gostaria de citar a seguinte declaração sumária do Professor L. Berkhof em seu discurso sobre A Aliança de Graça e o seu significado para a educação cristã: "Agora os filhos da aliança são adotados em uma família que é infinitamente mais alta que a família de qualquer homem de estirpe ou nobreza. Eles são adotados à família do mesmo Deus da Aliança. Ainda enquanto estão sobre a terra tem o privilégio de juntar-se à companhia dos redimidos, aos santos de Deus. Eles tomam o seu lugar na igreja de Jesus Cristo que é a Jerusalém celestial. Ademais, estão destinados a viver e a mover-se eternamente na companhia de homens justos feitos perfeitos, das hostes inumeráveis dos anjos de Deus e de Jesus Cristo, o rei todo glorioso. A vida perfeita na comunhão mais íntima com o trino Deus é sua grande idéia; o céu com todas suas glórias é o seu lar eterno. Podemos todavia duvidar da necessidade da educação cristã? Podemos sugerir, com toda a seriedade que no mundo em que vivemos a educação cristã no lar, na igreja e na escola dominical é totalmente adequada? Não deveríamos antes perguntar: é a melhor a educação que podemos proporcionar aos nossos filhos, não importa quão completa e extensa que seja, realmente é compatível com a alta dignidade a que nossos filhos são chamados?"

Nossos filhos necessitam uma educação cristã completa para poder reconhecer plenamente suas responsabilidades no pacto e também cumprir com as obrigações decorrentes desse pacto quando chegarem à idade do discernimento.

Portanto, a necessidade da formação e disciplina cristãs é a solene promessa que os pais tem feito por ocasião do batismo de seus filhos. Uma das perguntas que se inclui na liturgia para a administração do batismo de crianças em certa denominação protestante diz assim: "Prometeis, e é a vossa intenção instruir a esta criança tão pronto como ele (ela) seja capaz de entender, na doutrina antes assinalada, e fazer tudo o que esteja ao vosso alcance para que seja instruído(a) nesta doutrina?" Enquanto o céu e a terra estavam escutando, estes pais responderam, "Sim, prometemos". Não é esse solene voto igual a um juramento em nome de Deus? Não é igualmente comprometedor?

Quem subirá ao monte do Senhor?
Quem há de permanecer em seu lugar santo?
O que é limpo de mãos e puro de coração;
Que não entrega a sua alma à falsidade
Nem jura dolosamente.
Este obterá do Senhor a bênção,
E justiça do Deus da sua salvação.
Tal é a geração dos que o buscam,
Dos que buscam a face do Deus de Jacó.

Salmo 24:3-6

Finalmente, os pais deveriam dotar os seus filhos com uma educação cristã completa (Gen. 18:19; Sal. 78:4; Efé. 6:4) para que eles tenham direito de reivindicar com base na promessa da Aliança de Deus. Veja-se o Salmo 74:20. Com toda a segurança, um beberrão que nem ao menos procura de algum modo lutar contra este pecado não tem o direito de esperar que Deus o liberte do seu mal. De maneira similar, os pais que não querem obedecer ao mandamento de Deus em relação à educação cristã de seus filhos não tem o direito de reivindicar para eles as promessas da Aliança.

À vista de tudo o que temos dito neste capítulo é evidente que as causas da filantropia cristã, o esforço missionário cristão e a educação cristã florescerão em nosso meio unicamente quando tivermos uma medida abundante da consciência da Aliança. Queira o Senhor nos conceder essa bênção!

Perguntas baseadas no conteúdo de este capítulo:

1. Em que sentido é verdade que a doutrina da Aliança da Graça nos proporciona (a) um motivo para dar, e (b) uma regra para nos guiar na distribuição daquilo que recebemos?
2. Mostre o significado da doutrina da Aliança para cumprir a ordem de Cristo quanto às missões.
3. Como se relaciona a doutrina da Aliança da Graça com o dever (ou o privilégio) dos pais de educar os seus filhos no caminho da aliança?
4. De que várias maneiras deveriam os pais cristãos educar a seus filhos para que caminhem no caminho da aliança?

Temas de discussão:

1. Quando Josué fez “o chamamento”, como respondeu o povo? Veja-se Josué 24:16-18. Satisfez essa resposta a Josué?
2. Quando João Batista viu a muitos fariseus, etc., aproximando-se para serem batizados, como lhes respondeu? Veja-se Mateus 3 :7-10. Segue-se hoje em dia o exemplo de Josué e de João Batista nas reuniões de avivamento? Se não é assim, quem está equivocado: (a) Josué e João, ou (b) certos evangelistas modernos?
3. Examine-se: a educação cristã diária deveria ser estimulada.
4. Procure responder a última pergunta do já falecido Professor L. Berkhof: “Podemos sugerir, com toda a seriedade, que no mundo em que vivemos, a educação cristã no lar, na igreja e na escola dominical é totalmente adequada?”

Capítulo 6

Os membros da aliança

Por vezes surge a pergunta: “quem está incluído na Aliança da Graça?” Especificamente, existem dois pontos de vista. De acordo com o primeiro, Deus estabeleceu a sua Aliança da Graça unicamente com os eleitos; segundo o outro, com os crentes e com os seus filhos. De acordo com o primeiro ponto de vista, aquelas pessoas batizadas que não andam no caminho da aliança, e que vivem sem se converterem, não são membros da aliança; conforme o segundo, sim, o são. Os proponentes de ambos pontos de vista tomam a Escritura por seu apoio.

Os que dizem que somente os eleitos estão incluídos na Aliança apresentam os seguintes argumentos:

1. Textos da Escritura:

“A minha aliança, porém, estabelecê-la-ei com Isaque ...” (Gen. 17:21).

“Porque por Isaque será chamada a tua descendência” (Gen. 21:12b).

“A intimidade do Senhor é para os que o temem, aos quais ele dará a conhecer a sua aliança” (Sal. 25:14),

“Fiz aliança com o meu escolhido, e jurei a Davi, meu servo” (Sal. 89:3).

“Conservar-lhe-ei para sempre a minha graça, e firme com ele a minha aliança.” (Sal. 89:28).

“Porque os montes se retirarão, e os outeiros serão removidos, mas a minha misericórdia não se apartará de ti, e a aliança da minha paz não será removida, diz o Senhor, que se compadece de ti ..., esta é a herança dos servos do Senhor” (Isa, 54:10, 17),

“Porque esta é a aliança que firmarei com a casa de Israel, depois daqueles dias, diz o Senhor. Na mente lhes imprimirei as minhas leis, também no coração lhes escreverei; eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo” (Jer. 31:33).

“E não pensemos que a palavra de Deus haja falhado; porque nem todos os de Israel são de fato israelitas, nem por serem descendentes de Abraão, são todos seus filhos; mas: em Isaac será chamada a tua descendência. Isto é, estes filhos de Deus não são os da carne, mas devem ser considerados como descendência os filhos da promessa.” (Rom. 9:6-8).

“Sabei, pois, que os da fé é que são filhos de Abraão ... E se sois de Cristo, também sois descendentes de Abraão, e herdeiros segundo a promessa” (Gál. 3:7, 29).

“Esta é a aliança que farei com eles, depois daqueles dias, diz o Senhor: Porei nos seus corações as minhas leis, e sobre as mentes as inscreverei” (Heb. 10:16),

2. Compare-se também aquelas passagens citadas no Capítulo 2, nas quais o termo “aliança” é um sinônimo de “misericórdia” ou “amizade”. O uso atual da palavra “aliança” na Escritura é o único critério seguro pelo qual se pode determinar o significado deste conceito.

3. Cristo foi Garantia e é o Mediador só para os eleitos. Há só um sentido em que o sangue da aliança cobre unicamente seus pecados (individuais).

4. Somente os eleitos recebem a amizade de Jeová e portanto a salvação total e gratuita.

5. A Bíblia põe grande ênfase no fato de que as promessas da Aliança se cumprirão com toda segurança (Isa. 54: 10). Mas estas promessas terão seu cumprimento unicamente nos corações e vidas dos eleitos.

Tudo isto é tão claro que deveria ser convincente. Em certo sentido é verdade que Deus estabeleceu sua aliança somente com seus eleitos. Esta não chega a ser uma doutrina perigosa, nem tampouco lhe falta apoio bíblico. Esta posição estaria susceptível à crítica, somente no caso de cair-se no extremo de dizer que os não eleitos não podem pertencer à aliança em nenhum sentido.

Segundo a Escritura, Deus estabeleceu sua aliança com “Isaque”, com “aqueles que o temem”, com “seus eleitos”, com “Davi”, com “os servos do Senhor”, com “o seu povo”, com “aqueles que são de Cristo”, e não “com os da carne”.

Permitamos que esta verdade permaneça em toda sua glória. Que não alteremos a gloriosa doutrina da Eleição. Que não nos privemos do consolo da doutrina da Aliança da Graça ao separá-la da doutrina da Eleição. Fazer isto seria contrário à Escritura.

Os defensores do segundo ponto de vista também reclamam apoio bíblico. Referem-se em primeiro lugar às seguintes passagens:

1. “Estabelecerei a minha aliança entre mim e ti e a tua descendência no decurso de suas gerações, aliança perpétua, para ser o teu Deus, e da tua descendência... o que tem de oito dias será circuncidado entre vós, todo macho nas vossas gerações. . . .” (Gen. 17:7,12).

“Não foi com nossos pais que fez o Senhor esta aliança, e, sim, conosco todos os que hoje aqui estamos vivos” (Deut. 5:3).

“Demais tomastes a teus filhos e tuas filhas, que me gerastes, os sacrificastes a elas, para serem consumidos. Acaso é pequena a tua prostituição? Matastes a meus filhos e os entregastes a elas como oferta pelo fogo” (Eze. 16:20, 21).

“Ao passo que os filhos do reino serão lançados para fora, nas trevas ... ” (Mat. 8:12).

2. Além disso, recorre-se àquelas passagens que falam dos que quebram a Aliança e fazem a pergunta, “como pode alguém quebrar uma aliança sem tenha sido membro dessa aliança?” Veja-se Gênesis 17:14, etc.

3. Outras vezes formula-se a pergunta: “Se nem todos os filhos de pais crentes são membros da aliança, por que ordenou Deus que recebessem o sinal e o selo da aliança: tanto Ismael como Isaac (Gen. 17:12, 23; Atos 16:15, 33)? Por que devem receber o sacramento a ambos, tanto o eleito como o não eleito?”

Permita-se-nos também fazer justiça ao outro lado da pergunta.

Além de tudo, o problema não é tão difícil como parece; tampouco estão os defensores das duas posições em oposição direta uns aos outros. Ainda que seja um fato deplorável - mas, entretanto, um fato - os defensores do segundo ponto de vista dizem e escrevem coisas pouco amáveis contra os dos do primeiro, e vice versa, contudo, escritores cuidadosos de ambos os lados geralmente têm reconhecido plenamente elementos de verdade na posição contrária. Destarte, em muitos casos, o problema tem sido em grande parte inteiramente de terminologia.

A honestidade exige que admitamos o elemento de verdade em ambas posições. De um lado, podemos e devemos dizer que somente os eleitos são membros da aliança. Negar isto significa negar a Escritura. Noutro sentido podemos e devemos manter, como se tem feito através deste livro, que os crentes e os seus filhos sem exceção estão na aliança. Tudo depende precisamente do que se quer dizer por “estar na aliança”.

Vejamos se podemos ilustrá-lo. O matrimônio é também uma aliança, no sentido de que todas as pessoas casadas, sem exceção, tem firmado um contrato legal e estão moralmente obrigadas a guardar suas solenes promessas, todas estão nessa aliança do matrimônio. No entanto, noutro sentido, somente aqueles que estão cumprindo suas promessas estão realmente “nessa” aliança, porque somente eles desfrutam da amizade e do amor do matrimônio. Pois bem, o mesmo é verdade com respeito à Aliança da Graça. Quando se faz a pergunta: “quem está na aliança?”, isto pode significar “quem desfruta a amizade, a misericórdia que

Deus tem prometido dar aos que andam no caminho da obediência da aliança?" mas, quando se faz a mesma pergunta, a saber, "quem está na aliança?", pode significar "quem está obrigado pelos termos de um pacto divino a buscar 'a amizade do SENHOR'?" Então a única resposta que se pode dar é, "os crentes e seus filhos, sem exceção".

Esta distinção não é uma solução fácil a um problema difícil, mas descansa firmemente na Palavra de Deus. Qualquer pessoa que estude com a ajuda de uma concordância, todas as passagens na Escritura em que ocorre a palavra "aliança" terá que admiti-lo.

Perguntas baseadas no conteúdo de este capítulo:

1. Mencione os dois pontos de vista existentes com respeito à pertinência à Aliança da Graça.
2. Cite algumas passagens em que se baseiam os defensores do primeiro ponto de vista.
3. Faça o mesmo com os da segunda posição.
4. Qual é a solução?

Temas de discussão:

1. Que ponto de vista da Aliança da Graça - (a) que abarca somente os eleitos; (b) que abarca os crentes e seus descendentes por suas gerações - está implícito em passagens tais como Isaías 5:1-4; Mateus 23:27; Lucas 13:6-9?
2. De que maneira se aplica a equação $C + O = R$ à presente discussão? (A idéia expressada por "C" se encontra em Atos 11: 29; a que começa com "O" em Gál. 6: 10. Sabe-se também qual palavra começa com "R").
3. O que tem a ver Amós 3:1, 2 com este tema?
4. O que podem e devem fazer os pais para despertar em seus filhos o sentido da responsabilidade da aliança? Este tema merece uma longa discussão.

Capítulo 7

O significado da aliança para todos os filhos dos crentes

Primeiramente, a Aliança significa que você, filho de pais crentes, pertence ao grupo ao qual Deus tem dado coletivamente a segura promessa, “serei teu Deus e o da tua descendência no decurso de suas gerações”.

Em segundo lugar, com respeito ao destino eterno das crianças dos incrédulos que morrem antes da idade do discernimento, nem todos pensam de igual maneira; mas, não há dúvidas quanto a entrada na glória dos filhos crentes. Deus é fiel à promessa da Aliança. Os pequeninos, conscientemente, jamais o tem rechaçado.

Em terceiro lugar, aquela promessa, ainda que não seja cumprida em cada pessoa batizada que chegue à idade do discernimento, leva, contudo, uma importante mensagem para cada filho de pais crentes. Quando você não passava de um bebê, quando ainda não conhecia a Deus, ele veio a ti em seu batismo com um convite muito especial e com um mandamento especial: “Dá-me, filho meu, o teu coração” (Prov. 23:26). “Anda na minha presença ... e estabelecerei minha aliança entre mim e ti” (Gen. 17:1, 7). Tua vida agora é uma resposta àquele convite divino. Você está dizendo “Senhor, eu te entrego o meu coração”, ou está desprezando a Aliança de Deus? Queira Deus que tua resposta seja:

Que minha vida inteira esteja
Consagrada a ti, Senhor;
Que as minhas mãos possam seguir
O impulso do teu amor.

Que os meus pés descalços
Possam a terra santa pisar;
E que a ti Senhor, minha voz
Se compraza em bendizer.

Que o meu tempo todo esteja
Consagrado a ti Senhor;
Que os meus lábios ao falar
Falem somente de teu amor.

Toma, oh, Deus, minha vontade
E faça-a tua e nada mais além;
Toma, oh, sim, o meu coração
Por teu trono o faças.

Toma Tu o meu amor que hoje

A teus pés venho depor;
Toma tudo o que sou
Todo teu eu quero ser.

Frances R. Havergal

Em quarto lugar, a Aliança da Graça implica em que você está sujeito à dispensação da aliança e recebendo as bênçãos comuns do pacto. Nasceu de pais crentes, daí, “desde a infância sabes as sagradas letras, que podem tornar-te sábio para a salvação pela fé que é em Cristo Jesus” (2 Tim. 3:15; cf. 1:5).

Ademais, a igreja da qual você é membro vigia os teus passos e mostra-lhe a luz que deveria ser o seu guia perfeito em sua viagem por esta vida. Tem estado no seio da igreja desde que começou a respirar. Nunca diga que “vou unir-me à igreja”. Não podes fazê-lo, porque como um membro da aliança você sempre foi um membro da igreja. Por meio da educação cristã no lar e a instrução catequética da igreja, a exposição da Palavra no Dia do Senhor, etc., o Espírito Santo vem lutando contigo, vem chamando-o para viver uma vida para a glória de teu Deus da Aliança, vem esperando, anelando, zelosamente por você (Isa. 5:4; Luc. 13:6-9; Tg. 4:5). Os pagãos seguramente não desfrutam os privilégios com que tem sido abençoada a semente natural de pais crentes.

Em quinto lugar, a igreja com toda a razão espera que você ande no caminho da aliança. Pense em toda a obra espiritual que tem sido realizada por você. Reflita especialmente sobre a promessa de Deus a seus pais, “serei o teu Deus e o de tua descendência no decurso de suas gerações”. Geralmente, Deus não salva pessoas ao acaso, uma aqui outra ali, mas, segue uma certa ordem e perpetua sua aliança de geração a geração através das famílias dos crentes. Em consequência, como uma regra geral, Deus não estabelece sua aliança com uma pessoa isoladamente. É uma aliança com os crentes e com a sua descendência no decurso de suas gerações (Gen. 17:7, 12; Sal. 22:30; 72:5; 103:17; 105:8; Jer. 32:39; Joel 2:28; Atos 2:39; 1Co. 7:14). A obra da redenção baseia-se na obra da criação. Essa é ordenança de Deus.

Tudo isso, porém, não equivale dizer que a graça seja hereditária. Em consequência, tampouco significa que um filho da aliança não necessite render o seu coração ao Senhor. Pelo contrário, as muitas bênçãos que este filho tem recebido põem sobre ele uma carga pesada de responsabilidade. Se “todos os termos da terra” são exortados a voltarem-se para o Senhor, quanto mais não deveriam fazê-lo os filhos da Aliança, os grandemente privilegiados?!

Em sexto lugar, vocês, filhos de pais crentes, a quem Deus tem vindo com uma mensagem pessoal e especial no batismo, que estão sujeitos à administração da aliança, compartilham as bênçãos comuns da aliança, levam as insígnias do Rei Jesus Cristo e estão sob uma obrigação especial de andar no temor do Senhor no caminho da Aliança, também estão sob uma promessa: no batismo de cada um de

vocês os seus pais crentes tem expressado “eu e minha casa serviremos ao Senhor” (cf. Jos. 24:15). Você está comprometido com essa promessa!

Você poderia dizer, “mas, isso não é justo, porque não me consultaram acerca desse assunto”. Eu questionaria se não é injusto que tenha nascido como cidadão do País em que vive - que tenha nascido debaixo da obrigação de lealdade para com este País; sem contar com o dever de ajudar a pagar as dívidas que ele tem prometido pagar, decorrentes de fatos que definitivamente não lhe consultaram? Não lhe consultaram sobre o lugar que você gostaria de ter nascido. Isso é justo? Mas ao invés de questionar isso, você aceita a honra de ser um cidadão nascido em seu País. Aceita-o junto com as responsabilidades que isso envolve. De maneira similar, o filho da Aliança deveria possuir e aceitar satisfeito a sua responsabilidade na Aliança: uma vida de fé em seu sentido mais completo (Gen. 15 :6; Ex.19:5-8; Lev. 19:2; Sal. 125:1; Jo. 3:16, 36; Rom. 10:9; etc.). Esta vida de fé é uma vida de separação do mundo (Num. 23:9). “Não ameis o mundo nem as coisas que há no mundo. Se alguém ama o mundo, o amor do Pai não está nele” (1 Jo. 2:15; cf. Rom. 12: 2). Esta separação do mundo implica que nos abstenhamos das instituições e práticas mundanas: jogos de azar, roubos, homicídios, atos imorais, etc. Significa ademais que não acalentemos em nossos corações e mentes as más práticas do mundo: “Porque de dentro do coração dos homens é procedem os maus desígnios, a prostituição, os furtos, os homicídios os adultérios, a avareza, as malícias, o dolo, a lascívia, a inveja, a blasfêmia, a soberbia, a loucura” (Mar. 7:21, 22). Isto implica que não devemos por todo o nosso coração naquelas práticas que são perfeitamente legítimas em si mesmas, por exemplo, comprar e vender, ensinar e estudar, praticar esportes, etc. “Os que se utilizam do mundo, como se dele não usassem; porque a aparência deste mundo passa” (1 Co. 7:31).

Tudo isto significa que não devemos associarmos em termos de uma comunhão íntima com a gente do mundo. “Bem-aventurado o homem que não anda no conselho dos ímpios, nem se detém no caminho de pecadores, nem se assenta na roda dos escarnecedores” (Sal. I :1). Ademais, estar separado espiritualmente do mundo significa certamente que devemos lutar contra as forças do mal em cada esfera da vida. Isto está claramente implícito na idéia da aliança, porque uma aliança é um acordo entre duas partes contra um terceiro, neste caso, Satanás e todo seu exército (Gen. 3:15).

Como temos assinalado antes, esta vida de fé é uma vida de auto-exame constante.

Mas esta vida de fé não é somente uma vida de separação do mundo para que por meio de nossa vida e testemunho sermos uma bênção no mundo, bem como uma vida de auto-exame, mas, é, antes de tudo, uma vida para a glória de Deus, uma luta por promover sua glória na esfera do lar, da igreja, da educação, do governo, do comercio, da industria, etc.

Finalmente, se o filho de pais crentes recusa-se a andar no caminho da aliança, Deus lhe visitará com a “vingança da aliança”. Leia-se Levítico 26:25 e sgts, “Trarei sobre vós espada vingadora da minha aliança”. Quebrar a aliança que Deus tem estabelecido contigo significa você “calcar aos pés o Filho de Deus”, “profanar o sangue da aliança” (Heb. 10:29). Tal indivíduo “merecerá ser castigado duramente”. “Menos rigor haverá, no dia do juízo, para com a terra de Sodoma do que para contigo” (Mat. 10:15; 11:23, 24; Luc. 10:12). Ele “será punido com muitos açoites” (Luc. 12:47, 48). Recordemos que há uma magnífica promessa da Aliança, mas, há, também, uma terrível ameaça de vingança da aliança. Em Levítico 26 e em Deuteronômio 29 e 30 pode-se ler acerca desta vingança. Na destruição de Jerusalém no Ano 70 d.C., vemos realizada, simbolicamente, a vingança do pacto, quando tantos e tantos “filhos do reino” tiveram seus corpos dependurados nas cruzes que se erigiram fora das muralhas de Jerusalém, tanto que “se necessitava de mais lugar para as cruzes e mais cruzes para a imensa quantidade de corpos”.

Portanto, todos os filhos dos crentes estão na aliança, no sentido que

- a. A eles, considerados como um grupo, Deus lhes tem dado uma magnífica promessa, selada pelo batismo.
- b. Esta promessa também consiste no seguinte: “Uma vez que temos de discernir a vontade de Deus mediante a sua Palavra, a qual testifica que todos os filhos dos crentes são santos, não por sua própria natureza, mas em virtude da Aliança da Graça, na qual eles estão compreendidos juntamente com seus pais, os pais piedosos não devem duvidar da eleição e salvação daqueles a quem Deus se compraz em chamar desta vida em sua infância” (Gen. 17:7; Atos 2:39; 1Co. 7:14) - Cânones de Dort, 1, 17.
- c. A cada filho da aliança, tão logo ele ou ela seja capaz de entender e de responder, Deus chega com uma convite especial.
- d. Estes filhos gozam da administração da aliança; portanto, das bênçãos comuns da aliança.
- e. A respeito deles a igreja mantém uma gloriosa expectativa.
- f. Eles estão debaixo de uma especial obrigação da aliança de render seus corações e vidas ao Trino Deus em uma conversão verdadeira e de servi-lhe.
- g. Caso eles se recusam a caminhar no caminho da aliança, a vingança da aliança será executada sobre eles.

Perguntas baseadas no conteúdo deste capítulo:

1. Reproduza de memória os dois primeiros pontos que temos resumido aqui.
2. Faça o mesmo com os dois seguintes.
3. E com os próximos dois.
4. E com o ponto final.

Temas de discussão:

1. Discuta: "A ênfase da educação dos filhos no caminho da aliança põe em perigo o entusiasmo missionário". Verdadeiro ou falso? Justifique a sua resposta.
2. De que maneira se pode reconciliar a teoria: "ao reunir seus eleitos Deus geralmente perpetua sua aliança de geração em geração" com o fato de que os pais que temem a Deus com muita frequência tem gerado maus filhos, como o prova a história dos reis de Israel e Judá? Qual é a lição que Deus nos ensina em relação a isto?
3. Com que idade deve uma criança fazer sua profissão pública de fé?
4. De que vários sentidos podemos estimular aos nossos filhos para ser religiosamente ativos?

Capítulo 8

O consolo da aliança para aqueles que assumem as responsabilidades da aliança

Aquelas pessoas que caminham pela senda da aliança recebem a bênção da aliança: a amizade do SENHOR; a saber, a salvação completa e gratuita. Para aqueles indivíduos que não nasceram de pais crentes mas que se criaram nas trevas do paganismo e ouviram o Evangelho já adultos e o aceitaram por meio de uma fé viva e verdadeira, a Aliança da Graça é, por sua vez, um pacto divino e um desfrute da amizade de Deus. Neste sentido eles diferem daqueles que tem estado na aliança desde o nascimento. Esta diferença se vê de duas maneiras. Primeiramente, nem todos os filhos dos crentes a quem é selado a aliança pelo batismo aceitam suas obrigações quando chegam à idade do discernimento; portanto, nem todos esses filhos gozarão da amizade do SENHOR. Por outra parte, todos aqueles que se voltam das trevas do paganismo para a luz do evangelho desfrutam da realidade interior e espiritual da Aliança da Graça.

Em segundo lugar, aqueles que se convertem do paganismo entram imediatamente em um gozo consciente da salvação; enquanto que os filhos pequenos dos crentes, ainda que já podem ter recebido a bênção da regeneração, naturalmente não estão todavia conscientes do significado da promessa: "serei o teu Deus". Não obstante, à medida que estas crianças chegam à idade do discernimento são ensinadas a respeito da misericórdia da Aliança do Trino Deus. Aprendem que por meio do batismo o Pai Ihes tem assegurado que Ele Ihes adotará como seus filhos e herdeiros; que o Filho Ihes incorporará à comunhão de sua morte e ressurreição; e que o Espírito Santo morará neles e os santificará. Ademais, aprendem que todas estas bênçãos são bênçãos da aliança, vale dizer que estas se realizam nos corações e vidas dos que assumem suas responsabilidades perante a Aliança.

Pois bem, quando pelo Espírito Santo este conhecimento é aplicado ao coração, estas crianças começarão a amar a esse Trino Deus que Ihes tem tratado tão misericordiosamente, desde quando ainda não eram conscientes de seu amor. Eles mais e mais se arrependem de seus pecados e recorrerão ao Salvador. Alegrem-se assumir suas responsabilidades e responderão à promessa de Deus, "serei teu Pai, Redentor e Santificador" dizendo, "nós seremos teus filhos, discípulos e testemunhas". Daí que a igreja Ihes testificará abertamente sua fé, e em cada esfera da vida se unirão mais e mais a este único Deus, Pai, Filho e Espírito Santo. Mais e mais porão sua confiança nele e o amarão com todo o seu coração, com toda a sua alma, com toda a sua mente e com todas as suas forças. Renunciarão ao mundo, crucificarão sua velha natureza e caminharão em uma vida nova e santa.

Assim, para todos aqueles que aceitam suas obrigações em relação ao pacto, a Aliança da Graça não somente significará um compromisso divino mas uma comunhão de vida e amizade. O primeiro está desenhado para desenvolver-se no segundo. O SENHOR será um Deus para eles. O que significa isso? Nada menos que a salvação completa e gratuita. Encontramos uma bela interpretação desta promessa em Romanos 8:31, 32, “Se Deus é por nós, quem será contra nós? Aquele que não poupou a seu próprio Filho, mas antes por todos nós o entregou, porventura não nos dará graciosamente com ele todas as coisas?” Portanto, esta é uma promessa de Cristo com todos os seus benefícios.

Esta é uma promessa de Cristo, como nosso Redentor, Cabeça, Mediador e Amigo. Cristo passa a ser para nós toda a nossa salvação e toda a nossa canção.

No seguinte poema procurei incluir muitos dos nomes dados ao Salvador pela Escritura.

Jesus, nosso Salvador,
Cabeça e Redentor,
Senhor dos senhores e Rei dos reis,
Esteio da salvação,
Juiz da criação,
Sol dos céus trazendo cura em suas asas.

Luz de cada nação.
Único Fundamento,
Filho de Davi e de Abraão,
Rabboni: Meu mestre,
Verdadeiro Vinho e grande Bandeira,
Imagem de Deus, Palavra de Deus, EU SOU.

Maravilhoso, Conselheiro,
Deus Todo-Poderoso, Governador,
Verdade e Vida e vivo Caminho.
Luz verdadeira e Testemunha,
Senhor Jeová Justiça nossa,
Estrela da manhã e do dia.

Leão e Raiz de Davi,
Semente, Renovo e Filho de Jessé,
Príncipe da Vida, Cetro de Israel,
Provada e preciosa Pedra Angular,
Plantação de Renome,
Rabi, Apóstolo, Mestre.

Dom de Deus, o Santo,
Filho unigênito,

Pão da vida, Ressurreição
Comandante, Guia,
Homem, Mediador,
Poderoso para salvar, Redenção.

Cristo o Senhor e Filho do Homem,
Fiel e Verdadeiro, Amém,
Senhor do dia de repouso, Carpinteiro,
Eleito, amado Filho,
Esposo e Justo,
Cordeiro que foi imolado e Precursor.

Filho de Deus e Sabedoria
Poder e Resgate,
Amigo de pecador e publicano.
Alfa, Ômega,
Cristo: nosso Messias,
Sumo Sacerdote da nossa confissão.

Servo, Mensageiro,
Paz, Purificador,
Filho da bênção, Emanuel,
Estrela de Jacó,
Fonte e Bispo,
Glória e Esperança de Israel.

Pai Eterno,
Bendito de Deus para sempre,
Rei, Profeta, Sacerdote, e Escolhido,
Primeiro, Último e Vivente,
Bom Pastor e Fonte Viva,
Lírio e Rosa de Saróm.

Temos afirmado que “é uma promessa de Cristo com todos os seus benefícios”. Em consequência, esta promessa da aliança é uma promessa do reino dos céus para os humildes de espírito, de consolo para os que choram, de herança da terra para os mansos, de plena justiça para os que têm fome e sede de justiça, de misericórdia para os misericordiosos, da visão de Deus para os limpos de coração, de reconhecimento como filhos de Deus para os pacificadores, e de uma recompensa e uma herança eterna nos céus para os “perseguidos por causa da justiça” (Mat. 5:3-12).

Como já temos ressaltado anteriormente, o elemento básico desta promessa é “serei o teu Deus”, significando o perdão dos pecados. A amizade do SENHOR não pode ser desfrutada enquanto o pecado não tenha sido perdoado.

Ademais, esta promessa inclui a adoção de filhos. Isto significa não somente que Deus nos declara que somos seus filhos, mas verdadeiramente nos faz seus filhos. Assim, é evidente que esta divina “adoção de filhos” é muito melhor que a adoção humana. Quando os pais adotam um filho, não podem imprimir sua própria natureza ou imagem naquele filho ou filha adotada. Mas quando Deus adota, ele também comparte sua própria semelhança àquele que adota. Portanto, a adoção que estamos aqui tratando inclui a regeneração e a santificação. O que caminha a senda da aliança não somente canta:

Sofria quando vagava, me espírito oprimido,
 Mas agora sou feliz; descanso seguro,
 De raiar do dia até ao anoitecer
 alegres cânticos então.
 E esta é a razão: caminho com o meu Rei.

James Rowe

Ele pode dar um passo mais. Não somente caminha e conversa com o Rei, mas que chama ao Rei dos reis de seu Pai. Portanto, ele pode cantar:

Meu Pai é rico em mansões e terras,
 Ele tem a riqueza do mundo em suas mãos.
 De rubis e diamantes, de prata e ouro,
 seus cofres estão cheios; têm incontáveis riquezas.
 Eu sou filho do Rei, filho do Rei,
 A Deus seja a glória, Eu sou filho do Rei.

Hattie E. Buell

E sendo filho do Rei, o crente sabe que ainda em tempos de aflição a promessa da aliança se cumprirá: “serei o teu Deus”. O Pai nos céus não o esquecerá, mas cuidará dele:

Quem se Importa!?

O que pode significar? É alguma coisa para Ele
 Que minhas noites sejam longas e os meus dias confusos?
 Pode ser Ele tocado pelas dores que suporto
 Pelo que me entristece o coração e alveja os meus cabelos?
 Ao redor do seu trono há eterna calma,
 Há alegre música, vigorosa de felizes salmos,
 Há bem-aventurança que não pode ser abalada por fragor algum;
 Como pode Ele ter cuidado de mim, de tão insignificante viver?

No entanto, espero que Ele cuide de mim
 Enquanto vivo aqui aonde a dor existe.

Quando languescem as luzes da estrada que tenho tomado,
 Quando as forças falham e os amigos se esquecem,
 Quando o amor e a música que por uma vez me acompanhavam
 Deixaram-me silencioso e só,
 E a canção de minha vida se transforma em oração de mártir,
 Meu coração então clama pelo cuidado de Deus.

Quando as sombras impõem sobre mim o dia sem fim,
 E o meu espírito está arqueado de vergonha e maldade;
 Quando eu não sou mais a boa e frondosa sombra,
 De consciência culpável faz o meu coração tremer,
 E o afanoso mundo tem demasiado o que fazer
 Para deter-se em seu curso e ajudar-me,
 Espero ansiosamente um Salvador... É possível
 Que o meu Pai nos céus tenha cuidado de mim?

Oh, maravilhosa história de amor sem fim!
 Nossos corações estão ansiosos por aquele coração d'além;
 Ele luta por mim quando eu não posso lutar,
 Ele me consola a lúgrube noite;
 Ele alivia minha carga porque Ele é forte,
 Ele tranqüiliza o meu olhar e mantém o meu cantar;
 Ele carrega as dores que me vem humilhar
 Ele me ama e me perdoa porque tem cuidado de mim.

Que o coração dos aflitos lateje outra vez;
 Não estamos sós em nossas horas de dor
 Nosso Pai desce das alturas do seu sublime trono
 Nos tranqüiliza e nos acalma com o seu insone amor.
 Quando a tormenta arreceia, Ele não há de nos abandonar,
 Temos confiança porque ele está na noite.
 Pode ser problema o que com Ele se comparte?
 Oh, descansa em paz, porque o Senhor tem cuidado de ti!

Anônimo

"Serei o teu Deus". Esta promessa também significa consolo e gozo no dia do juízo. Significa que Deus tomará seus filhos para si mesmo.

"Razão por que se acham diante do trono de Deus,
 e o servem dia e noite no seu santuário;
 e aquele que se assenta no trono
 estenderá sobre eles o seu tabernáculo.

Jamais terão fome, nunca mais terão sede,
 não cairá sobre eles o sol,

nem ardor nenhum;
 pois o Cordeiro que encontra no meio
 do trono os apascentará,
 os guiará para as fontes das águas da vida.
 E Deus lhes enxugará dos olhos toda lágrima”.

(Apocalipses 7:15-17)

Além de tudo isso, estas maravilhosas promessas são para nós e para os nossos descendentes! Verdadeiramente, o indivíduo em cuja vida se realiza a promessa da aliança gloria-se na Aliança da Graça. Uma Aliança de Graça por certo, porque a Graça é o princípio e o fim, a fundação e a pedra angular, pois se trata de graça baseada em justiça. A graça é o motivo divino para o estabelecimento desta aliança; o Louvor e a Glória da Graça de Deus é a sua meta; o Senhor Jesus Cristo, o dom da Graça de Deus é o Mediador desta aliança; e a Graça é também a mãe da fé por meio do que se realiza a promessa da Aliança.

A Aliança da Graça não se baseia em um pacto do tipo meio-a-meio no qual Deus promete a salvação na suposição de que você por seus próprios meios entregará o teu coração. Conscientemente, você deve exercer a fé - Deus não crê por você - mas ainda essa fé é dom de Deus e aí está incluída a promessa da aliança (Ef. 2: 8). Na Aliança da Graça, Deus é tudo. Dá o que ele reivindica. Daí por que a palavra do Novo Testamento para esta aliança seja *diatheke*, ou seja, uma disposição em vez de um acordo. É o pacto de Deus com o homem em vez de ser meramente um convênio entre Deus e o homem. É uma aliança estabelecida por Deus. Ele a chama de “minha aliança”. Se a Aliança da Graça fosse sido um acordo entre duas partes iguais, deveria ser sido chamada *suntheke* em vez de *diatheke*.

Do significado da palavra original do Novo Testamento é evidente que às vezes pode-se traduzir como “testamento”. Provavelmente, a única passagem em que esta palavra tenha esse significado é Hebreus 9:16, 17, “Porque onde há testamento é necessário que intervenha morte do testador; pois um testamento só é confirmado no caso de mortos; visto que de maneira nenhuma tem força de lei enquanto vive o testador”. Pois então, a Aliança da Graça na realidade pode ser chamado um testamento porque:

1. É totalmente gratuita; uma disposição de graça.
2. Deus nunca revoga o seu dom.
3. Descansa sobre a base legal da morte vicária de Cristo.

Por razões quase similares, a Aliança da Graça é às vezes chamada ou comparada à uma “herança” (Rom. 8:17; Gál. 3:29; 4:1; Tito 3:7; Heb. 6:17; 11:7). Do mesmo modo, como o filho seguramente receberá a herança, assim o crente

recebe todas as bênçãos da aliança. Assim como entre os judeus do Antigo Testamento, a herança não podia ser alienada (Lev. 25:23, 28; 1Reis 21:3), tampouco o crente nunca perderá a amizade de Jeová uma vez tendo-a possuído. E, assim como quando se estabelece um testamento o filho tem um direito à herança, do mesmo modo o crente tem um direito a todas as bênçãos da salvação. Este direito não se baseia nele. Qualquer coisa que ele recebe é dom da graça de Deus; este direito lhe é dado. Ele tem direito a estas bênçãos porque Deus as tem prometido para ele e porque Cristo se as tem merecido. O direito se baseia na graça.

O fato de que o nosso infinito Deus, nosso Benfeitor, contra quem rebelamos, esteja disposto a entrar em relação de aliança conosco, criaturas de pó e rebeldes, nos serve de consolo. C. H. Spurgeon disse: "Por muito tempo tem havido guerra entre o homem e seu Criador. Nosso cabeça federal, Adão, no Jardim do Éden, arremeteu sobre o rosto de Deus as suas luvas. Ouviu-se o som da trombeta nos clarões do Paraíso, a trombeta que irrompeu o silêncio da paz e alterou o cântico de louvor. Desde aquele dia até hoje não tem havido nenhuma trégua, nenhum tratado, por natureza, entre Deus e o homem. Seu coração tem sido de inimizade contra Deus... mas ainda que o homem não se submeta a Deus, nem, por sua parte, peça a paz, Deus mostra que não quer estar mais em guerra com o homem. Ao dar o primeiro passo, Deus mostra que deseja ansiosamente que o homem seja reconciliado com ele. O mesmo Deus envia seus embaixadores. Ele não fica à outra parte os convidando - o que não seria graça - mas envia embaixadores, e determina a que esses embaixadores sejam muito fervorosos e a que roguem aos homens... para que se reconciliem com Deus" (*The Present Truth*, pp. 129, 130).

Ainda que seja certamente possível fazer uma construção arminiana destas palavras, não obstante, o ponto principal que Deus dá o primeiro passo e nos reconcilia consigo mesmo, é uma verdade completamente bíblica. A Aliança da Graça: uma aliança de Deus com o homem! Que mistério de graça é este!

Esta aliança de graça é uma "aliança de sal" (Num. 18:19), "do Senhor" (Gen. 17:2), "de paz" (Isa. 54: 10), "de misericórdia" (Dan. 9:4), "da promessa" (Efé. 2:12). É uma "aliança perpétua" (Sal. 105: 10), etc., porque uma vez realizada a promessa da aliança em tua vida, permanecerás um amigo de Deus para sempre, "porque os montes se retirarão, e os outeiros serão removidos, mas a minha misericórdia não se apartará de ti, e a aliança da minha paz não será removida, diz o Senhor, que se compadecei de ti" (Isa. 54: 10).

Cantarei para sempre
as tuas misericórdias, ó Senhor;
os meus lábios proclamarão
a todas as gerações a tua fidelidade.

Pois disse eu:

A benignidade está fundada para sempre
a tua fidelidade, tu a confirmarás nos céus dizendo:
Fiz aliança com o meu escolhido;
e jurei a Davi meu servo:
Para sempre estabelecerei a tua posteridade,
e firmarei o teu trono de geração em geração.

Salmo 89:1-4

Levantam-se algumas objeções. Alguém dirá, “por que é que experimento tão pouco do consolo da aliança?” Eu respondo: “provavelmente não esteja suficientemente consciente da aliança”. Quem sabe, você nunca orou com base na Aliança que Deus estabeleceu contigo e com os teus filhos. Que a experiência do salmista lhe sirva de lição. Não é que tenha falhado a Aliança da Graça; é você que tem falhado.

De noite indago o meu íntimo,
E o meu espírito perscruta:
Rejeita o Senhor para sempre?
Acaso não torna a ser propício?
Cessou perpetuamente a sua graça?
Caducou a sua promessa para todas as gerações?
Esqueceu-se Deus de ser benigno?
Ou, na sua ira, terá ele reprimido as suas misericórdias?

Então disse eu: Isto é a minha aflição:
Mudou-se a destra do Altíssimo.

Recordo os feitos do Senhor;
Pois me lembro de tuas maravilhas da antiguidade.
Considero também nas tuas obras todas,
E cogito dos teus prodígios

Salmo 77:6-12

Sejamos honestos conosco mesmos. Temos descuidado desta gloriosa doutrina. Note-se como os crentes nos tempos bíblicos revelavam sua consciência da aliança. Leia-se o emocionante Salmo 74. A terra da promessa é descrita como sendo assolada pelo opressor. Ouça o triste clamor, “deitam fogo em teu santuário; profanam, arrasando-o até ao chão...” E, então, a suplica, “...considera a tua aliança”.

O santo dos tempos bíblicos atribui cada bênção à Aliança da Graça, inclusive o pão que come. “Dá sustento aos que o temem, lembrar-se-á para sempre da sua aliança ” (Sal. 111:5). E nos tempos de alegria expressam sua gratidão em termos

da Aliança da Graça, e diz: “E lembrar-se de sua santa aliança; e do juramento que fez ao nosso pai Abraão” (Luc. 1:72, 73).

Querido leitor: baseais assim as tuas petições e ações de graças, sobre a Aliança da Graça que Deus tem estabelecido contigo e com os teus descendentes? Aproximas-te sempre do trono de graça, dizendo, “Senhor, olhe para a aliança que tu estabeleceste conosco e com nossos filhos”? Aquelas orações serão ouvidas, porque Deus levará em conta o “sangue”, o “juramento”, o “selo” e o “Mediador” da aliança. Queira o Senhor conceder a todos nós uma abundante medida de consciência da aliança, porque

A misericórdia do Senhor
é de eternidade a eternidade sobre
os que o temem,
E sua justiça sobre os filhos dos filhos;
Para com os que guardam sua aliança ,
E para com os que se lembram dos seus preceitos
e os cumprem.

Salmo 103: 17, 18

E lembre-se também:

Seu juramento, sua aliança , seu sangue,
Me sustém no torvelinho;
Quando parece que minha alma já se rende,
Ele é toda minha esperança e firmeza.
Em Cristo, a rocha sólida, eu permaneço;
Tudo o mais é areia movediça.

Edward Mote

Perguntas baseadas no conteúdo de este capítulo:

1. Em que varias maneiras é estar na aliança de graça um consolo para aqueles que demonstram haver assumido suas responsabilidades em quanto à aliança?
2. Qual é o significado dos seguintes Salmos para a doutrina da Aliança da Graça: 25, 74, 78, 103, 105, 111, 132?
3. Há algum sentido na qual esta aliança pudesse chamar-se um testamento? Explique-se, por favor.
4. Que significa “rogar em (o: sobre a base de) ou aliança”? Deviera isto estimular-se?

Temas de discussão:

1. Qual é a diferença entre a adoção humana e a divina?
2. Quando dizemos que Deus não esperava que o homem perdesse a paz, mas que Deus deu o primeiro passo ao enviar seus próprios embaixadores, em que passagem paulina provavelmente estamos pensando?
3. De que maneira se pode fortalecer a consciência da aliança em nossas vidas e em as de nossos filhos?
4. Quais são algumas de as cosas principais que tens aprendido do estudo de este livro?

Bibliografia adicional:

P. Marcel, *El bautismo, sacramento del pacto de gracia* (Editorial FELIRE). Tratamento exaustivo do tema, com uma ênfase no significado e uso da aliança no Antigo Testamento.

J. Murray, *El pacto de gracia* (Editorial FELIRE). Comparação das distintas "alianças" do Antigo Testamento, assim como a unidade Aliança da Graça segundo o ensinamento bíblico.

L. Berkhof, *Manual de Doutrina Cristã* (Edições Luz Para o Caminho). Breve estudo do tema (em sua primeira seção); sua relação com outras doutrinas bíblicas. Recomendamos essa obra para quem desejar um estudo não muito profundo.

L. Berkhof, *Teologia Sistemática* (Edições Luz Para o Caminho). Explicação de distintos pontos de vista acerca desta doutrina, assim como seu desenvolvimento através da história. Estudo das palavras originais hebraicas e gregas.